

# Carta Pastoral

aos Padres da  
Arquidiocese  
de Ribeirão Preto







**DOM MOACIR SILVA**  
**POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA**  
**ARCEBISPO METROPOLITANO DE RIBEIRÃO PRETO**

## **CARTA PASTORAL** **AOS PADRES DA** **ARQUIDIOCESE DE RIBEIRÃO PRETO**

**Q**ueridos Padres, na memória de São João Maria Vianney, patrono dos sacerdotes, neste 110º aniversário de nossa Igreja Particular de Ribeirão Preto, tenho a alegria de colocar em suas mãos esta Carta Pastoral sobre três elementos importantes em nossa vida e ministério: a santidade de vida, a formação e a comunhão eclesial-pastoral.

### **I - Santidade de vida**

A santidade de vida não privilégio para alguns, mas vontade de Deus para todos e cada um de nós: “A vontade de Deus é que sejais santos...” (1Ts 4,3). Esta vontade de Deus já aparece claramente no Antigo Testamento: “Santificai-vos e sede santos, porque eu sou santo” (Lv 11, 44b). “Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19, 2). São Pedro, na sua primeira carta lembra a todo cristão: “... como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos, também vós, em todo o vosso proceder. Pois está na Escritura: sereis santos porque eu sou santo” (1Pd 1, 15-16).

O Concílio Vaticano II lembra que os presbíteros, já na consagração batismal receberam, “com todos os fiéis cristãos, o sinal e o dom de tão grande vocação e graça de modo a poderem e deverem buscar a perfeição mesmo na fraqueza humana (2 Cor 12, 9), segundo a Palavra do Senhor: ‘Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito’ (Mt 5, 48). Os sacerdotes por razão especial têm obrigação de adquirir tal perfeição, já que, consagrados a Deus de modo novo na recepção da Ordem, tornaram-se instrumentos vivos de Cristo eterno sacerdote...” (PO. 12a).

O mesmo Decreto conciliar lembra ainda: “A santidade dos presbíteros contribui muito para o desempenho frutuoso do próprio ministério: ainda que a graça de Deus possa realizar a obra da salvação também por ministros indignos, no entanto, por lei ordinária, prefere Deus manifestar as suas maravilhas por aqueles que, feitos mais dóceis às inspirações e moções do Espírito Santo, pela sua íntima comunhão e santidade de vida, podem dizer como o apóstolo: ‘Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim’ [Gl 2, 20]” (PO, 12).

O Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros (DMVP) nos recorda que a própria conformação a Cristo exige que o sacerdote cultive um clima de amizade e de encontro pessoal com o Senhor Jesus, e nos apresenta um itinerário para isso: “É necessário, que na vida de oração não falte nunca a celebração eucarística cotidiana, com adequada preparação e sucessiva ação de graças; a confissão frequente e a direção espiritual já praticada no seminário e frequentemente antes; a celebração íntegra e fervorosa da liturgia das horas, à qual está quotidianamente obrigado; o exame de consciência; a oração mental propriamente dita; a lectio divina, os momentos prolongados de silêncio e de colóquio, sobretudo nos Exercícios e retiros Espirituais periódicos; as preciosas expressões da devoção mariana, como o Rosário; a Via Sacra e os outros pios exercícios; a frutuosa leitura hagiográfica; etc. Sem dúvida, o bom uso do tempo, por amor a Deus e à Igreja, permitirá ao sacerdote manter mais facilmente uma sólida vida de oração. De fato, aconselha-se que o presbítero, com o auxílio do seu diretor espiritual, procure ater-se com constância a este plano de vida, que lhe permite crescer interiormente num contexto em que as múltiplas exigências da vida poderiam induzi-lo, muitas vezes, ao ativismo e a descuidar a dimensão espiritual” (DMVP, 50).

Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. A santidade é o rosto mais belo da Igreja (cf Papa Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, 14 e 9).

## **II – Formação**

Ao pensar nosso compromisso com a formação, creio ser importante ver o que diz Papa Francisco: “A formação de que falamos é uma experiência de discipulado permanente, que aproxima de Cristo e permite conformar-se cada vez mais com Ele. Por isso, ela não tem um termo, uma vez que os sacerdotes nunca deixam de ser discípulos de Jesus e de segui-lo. Por conseguinte, enquanto discipulado, a formação acompanha a vida inteira do ministro ordenado e diz respeito integralmente à sua pessoa e ao seu ministério. A formação inicial e a permanente são dois momentos de uma única realidade: o caminho do discípulo

presbítero, apaixonado pelo seu Senhor e constantemente no seu seguimento (cf. Carta aos participantes Assembleia Geral Extraordinária a Conferência Episcopal Italiana, 10-13/11/2014 e Discurso na Sessão Plenária da Congregação para o Clero, 3 de Outubro de 2014).

O Santo Padre ressalta que a formação acompanha a vida inteira do ministro ordenado e diz respeito integralmente à sua pessoa e ao seu ministério. Portanto, nenhum sacerdote pode sentir-se dispensado da formação. Dispensar-se da formação é omissão grave; omissão que tem consequência desastrosa na vida pessoal do padre e no bem espiritual do povo confiado ao seu pastoreio.

Caro padre, você tem aproveitado as oportunidades de formação que a Arquidiocese lhe oferece (Atualização teológico-pastoral, encontros formativos promovidos pela Pastoral Presbiteral, encontros por grupos de tempo de ordenação)? Tem participado de corpo e espírito das mesmas? Tem buscado a formação pessoal por meio da leitura? Está aproveitando o subsídio “Discípulos-Pastores: para Ajudar-Nos e para Ajudar” na Forania? Tem lido e estudado o Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros?

A formação integral engloba as dimensões humana, comunitária, espiritual, intelectual e pastoral-missionária.

A dimensão humana chama a atenção para o autoconhecimento, a maturidade humana, a capacidade de relacionar-se, a integração positiva e oblativa de sua sexualidade como celibatário, o exercício do poder e da autoridade como serviço, a dedicação e o zelo pelo trabalho pastoral, o uso do dinheiro e dos bens como meios de partilha e comunhão.

A dimensão comunitária lembra que o ministério ordenado tem uma radical forma comunitária e pode apenas ser assumido como obra coletiva. A experiência concreta da fraternidade presbiteral acontece na hospitalidade, na comunhão de bens, na solicitude com os presbíteros idosos, doentes, com colegas em situação de crise, solitários, sobrecarregados, na correção fraterna, na ajuda mútua e no lazer realizado em conjunto.

A dimensão espiritual comporta o cultivo de uma verdadeira espiritualidade com base na caridade pastoral, que dê sentido e vigor ao agir pastoral dos presbíteros, bebendo nas fontes da Palavra, da caridade e dos Sacramentos, especialmente da Eucaristia cotidiana e da Reconciliação, na oração pessoal e comunitária, na Liturgia das Horas, na leitura orante da Palavra de Deus, na leitura espiritual, na devoção a Maria, na direção espiritual, na vida em comunidade e no serviço aos pobres e sofredores.

A formação na dimensão intelectual implica no aprofundamento teológico-pastoral e bíblico. O Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros lembra

que dada a enorme influência que as correntes humanístico-filosóficas têm na cultura moderna é necessário que, nos encontros, se tenham em contas as mais importantes temáticas de caráter humanístico e filosófico (cf . DMVP, 95a).

A dimensão pastoral-missionária lembra que a missão faz parte da identidade da Igreja e, por isso, é o eixo integrador da vida do presbítero, levando-o à consciência de ser presbítero numa Igreja em estado permanente de missão. Em seu magistério, o Papa Francisco tem desafiado a Igreja a tornar-se Igreja em saída: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG, 27). Para isso, há necessidade de presbíteros profetas, sensíveis aos problemas do povo, comprometidos com a justiça, que fazem da opção pelos pobres, elemento integrante da evangelização. Esta postura está em sintonia com o modo de viver das primeiras comunidades, com a recomendação dos apóstolos: lembrar-se sempre dos pobres [Gl 2,10]. (A temática das dimensões segue o Documento sobre a Formação dos Presbíteros aprovado na 56ª Assembleia Geral da CNBB).

### **III – Comunhão eclesial-pastoral**

Precisamos renovar a convicção de que uma comunidade de fé se edifica somente quando assiduamente ancorada na comunhão (At 2, 42). A Igreja, para viver sua identidade, deve crescer incessantemente na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf LG, 4b); deve, como germe do Reino (cf LG, 5b) na história, significar, também na prática, que todos somos um em Cristo (cf. Gl 3,18), pois como sacramento de salvação, o Povo de Deus é chamado a ser, “para todo gênero humano, firmíssimo germe de unidade, de esperança e de salvação” (LG, 9b).

Neste sentido, nossa vida e a atividade de padre devem estar a serviço desta comunhão. Por isso, a espiritualidade presbiteral não procura cultivar uma comunhão meramente afetiva ou, simplesmente, disciplinar. A autêntica comunhão entre os membros do Povo de Deus é aquela que os une a Jesus Cristo, tendo em vista colaborar no desígnio do Pai, para instaurar a nova humanidade, na qual não há “judeu e grego”, “homem e mulher”, “sábio e ignorante”, “rico e pobre” ..., pois todos têm a mesma dignidade, no Povo que Deus escolheu para si” (cf. LG, 32b).

Neste serviço à comunhão, nós presbíteros somos chamados a viver na disponibilidade ao Espírito Santo, que é quem suscita a unidade na diversidade (cf 1Cor 12, 4-11). É o Espírito que nos vincula a Jesus Cristo e a todos os membros entre si. É o Espírito que une no amor, na verdade, na justiça. É o Espírito que coloca no centro os membros mais fracos do Corpo. É o Espírito que sempre impulsiona

para alargar as estruturas, a fim de acolher os menores e os que estão às margens da comunhão.

É bom não esquecer que os presbíteros não poderão realizar o serviço da comunhão se não forem homens de comunhão: isto é, vivendo a comunhão e a obediência com seu Bispo, cultivando a fraternidade sacerdotal no presbitério e sendo homens abertos a todos. (cf. O sacerdote, dom de Deus, Edições Loyola, p. 30-34).

São João Paulo II foi muito claro e enfático ao afirmar: “Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo” (NMI, 43a). A espiritualidade de comunhão precisa tornar-se um princípio educativo em nossa formação integral e permanente.

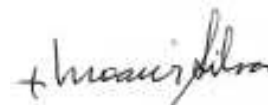
Fazer do nosso presbitério casa e escola de comunhão é algo que desafia a todos e cada um de nós. Não nos esqueçamos de que a credibilidade de nossa ação evangelizadora passa pela nossa capacidade de viver a comunhão. “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17, 21).

Para sermos homens de comunhão precisamos enfrentar e vencer muitas tentações. A principal delas é a autorreferencialidade, grande perigo e desafio no ministério, que se manifesta no confiar somente nas próprias forças, no sentir-se superior aos outros por cumprir determinadas normas, no desqualificar quem o questiona, no ressaltar constantemente os erros alheios (cf. EV, 94 e 97).

## **Conclusão**

Tenho a convicção de que trabalhando pessoal e comunitariamente estes três elementos a vida e o ministério de cada padre serão enriquecidos, o presbitério será enriquecido, a ação evangelizadora será mais eficaz, o bem espiritual dos fiéis será mais bem atendido. Por isso, exorto a cada padre a empenhar-se na busca da santidade de vida, da formação permanente e integral, e da comunhão eclesial-pastoral.

Ribeirão Preto, 4 de agosto de 2018  
Memória de São João Maria Vianney



**Dom Moacir Silva**  
**Arcebispo Metropolitano**

*“O sacerdote não é simplesmente o detentor de um ofício, como aqueles de que toda a sociedade tem necessidade para nela se realizarem certas funções. É que o sacerdote faz algo que nenhum ser humano, por si mesmo, pode fazer: pronuncia em nome de Cristo a palavra da absolvição dos nossos pecados e assim, a partir de Deus, muda a situação da nossa vida. Pronuncia sobre as ofertas do pão e do vinho as palavras de agradecimento de Cristo que são palavras de transubstanciação – palavras que O tornam presente a Ele mesmo, o Ressuscitado, o seu Corpo e o seu Sangue, e assim transformam os elementos do mundo: palavras que abrem de par em par o mundo a Deus e o unem a Ele. Por conseguinte, o sacerdócio não é simplesmente «ofício», mas sacramento: Deus serve-Se de um pobre homem a fim de, através dele, estar presente para os homens e agir em seu favor”*  
(Bento XVI - homilia no encerramento do Ano Sacerdotal, 11/06/2010).

